

QUANDO O MUNDO SE TORNA O LAR

Mirella Salgues de Carvalho

Desde o dia quando descobri que existia um lugar chamado Canadá, senti uma necessidade enorme de conhecê-lo. Naquela época, ainda criança, eu não sabia dizer o motivo. Hoje, entendo que minha ligação com esse país maravilhoso vai além de uma vontade inexplicada.

Durante o ensino médio, tive a oportunidade de fazer um intercâmbio (2008-2009) e vi aquilo como o momento ideal para eu finalmente conhecer o lugar que tanto queria. Morei durante cinco meses em uma cidade pequenininha, em uma província do leste, chamada Nova Escócia. Lá tive contato com pessoas de locais e culturas diferentes, principalmente pelo fato dessa província receber com frequência estudantes de todos os lugares do mundo. O respeito e curiosidade que os canadenses demonstravam em relação aos alunos internacionais só aumentou meu amor por conhecer novos destinos e confirmou a ligação com o Canadá.

Morar fora de casa aos 16 anos foi um desafio e tanto. Não ter meus pais sempre que precisasse, não ter quem me levasse de carro para outros lugares com frequência e não ter nem a possibilidade de pegar um ônibus, por morar afastada do centro urbano foram um grande choque para mim. Além disso, depender unicamente do meu despertador para acordar, me arrumar e estar pronta quando o ônibus escolar passasse também foi muito importante para aumentar meu senso de responsabilidade. Contudo, o fato das escolas funcionarem como as universidades, onde você escolhe as matérias que quer estudar, foi algo que eu achei muito interessante.

Alguns anos depois, já como estudante universitária, ouvi falar de um programa de intercâmbio financiado pelo Governo Federal Brasileiro, o *Ciência sem Fronteiras*. Aproveitando a oportunidade de estudar em universidades e trabalhar em centros de pesquisa mais bem desenvolvidos que no Brasil, decidi me inscrever no processo seletivo junto com meu namorado. O processo de seleção e organização para viajar é uma loucura! Precisei correr atrás de dar entrada em um processo de seleção interno na minha universidade de origem, garantir uma nota do ENEM, traduzir histórico, conseguir duas cartas de recomendação de professores, ter em mãos um comprovante de participação em um projeto de iniciação científica, e provavelmente mais alguns documentos que esqueci de citar. A espera do resultado parece não ter fim, porém depois de confirmada a minha bolsa precisei dar entrada no visto canadense, comprar passagens, adquirir dólares canadenses, renovar passaporte, comprar malas, criar *check list* para ter certeza de que eu não ia esquecer nada... Enfim, muita correria e alguns fios brancos a mais, mas o esforço foi recompensado!

Cheguei ao Canadá no final de Agosto de 2014, cerca de duas semanas antes do início do período letivo da Carleton University – a universidade que iria me receber pelos próximos meses. Por precaução, já havia assinado contrato de local pra ficar enquanto ainda estava no Brasil, então pude ir diretamente para minha nova casa e descansar depois de tantas horas viajando. Acordei após o horário do almoço e decidi explorar as redondezas, na tentativa de encontrar algo para comer. Acabei parando

em uma pizzaria, onde consegui me comunicar perfeitamente bem com os funcionários, apesar do receio de falar algo errado, e ainda recebi elogios sobre a roupa que usava.

O apartamento que aluguei fica a cinco minutos da entrada da universidade. Apesar de ser bem pequeno e mais caro que o desejado, optei pela praticidade de não precisar pegar transporte todos os dias para ir às aulas. Outra vantagem é a parada de ônibus quase em frente à casa, extremamente útil durante o inverno de temperaturas sempre negativas. O fato de dividir o apartamento com meu namorado também foi muito bom no sentido de ter ajuda em todos os afazeres domésticos, como cozinhar, limpar e fazer compras.

Durante as primeiras semanas, dependi muito do meu celular - e quando eu digo celular me refiro ao aparelho, com acesso à internet quando eu encontrava uma rede disponível e que, finalmente, me fez valorizar a função “Mapas”. Minha maior alegria foi descobrir que eu não precisava de internet para o GPS funcionar! Foi esse aparelhinho que me permitiu pesquisar sempre quando eu tinha alguma dúvida e me ajudou a encontrar todos os lugares procurados, mesmo ainda sem um chip com número local.

Outro aspecto interessante do intercâmbio é, na maioria das vezes, temos medo de não entender as pessoas e de não conseguirmos nos comunicar. Eu, estudante da língua inglesa desde os meus oito anos, tive exatamente as mesmas preocupações, mas garanto que frente à necessidade de pedir algo do menu de um restaurante ou perguntar ao motorista do ônibus se ele passa em tal rua, o receio vai se desfazendo. Com o tempo você vai ficando mais confortável com aquilo tudo até o ponto quando passa a ser natural perguntar em inglês onde tem um banheiro ou responder quando alguém te pergunta que horas são.

Uma experiência em uma nova cultura nos faz perceber a quantidade de pessoas boas que existem no mundo. No Canadá, contudo, isso parece ser multiplicado. Digo isso porque é notável a simpatia e vontade de ajudar das pessoas, mesmo que não seja sempre aparente. Algo que costumava me deixar muito feliz era como os funcionários do banco me tratavam, sempre com um sorriso enorme no rosto, fazendo piadas e perguntando se eu precisava de algo mais. Além disso, outra característica marcante do povo canadense é como eles se desculpam por tudo. Tudo mesmo! Se eu pisar sem querer no pé de alguém, por exemplo, essa pessoa provavelmente vai se desculpar. Não faz muito sentido, mas é assim que eles são e, sem dúvida alguma, foi uma coisa que incorporei rapidamente.

Outro aspecto no qual muitas vezes não pensamos, e eu digo isso porque nunca foi uma preocupação real minha antes do intercâmbio, é o que faremos em nossos horários livres. Por mais que as aulas, os estudos e até mesmo as tarefas de casa (novidades para mim) ocupassem boa parte do meu tempo, eu sempre terminava “entediada” em algum momento, sem saber o que fazer. Meus amigos tinham horários diferentes dos meus e o clima nem sempre contribuía para poder dar uma volta no bairro, então eu acabei criando o hábito de ler livros e assistir a filmes e séries em inglês. Esse meu novo hobby foi importantíssimo para que eu me forçasse a fazer conexões e entender novas palavras, além de me deixar muito mais confortável com o idioma.

Quanto às aulas, não senti dificuldades para entender os professores. O estilo de aula é muito parecido com o que eu tinha no Brasil, onde os professores dão palestras e usam apresentações de *slides* para facilitar o entendimento e as anotações. A principal diferença observada foi o fato de, muitas vezes, o material ser passado aos alunos antes mesmo das aulas começarem. Para mim, o maior problema

foi não ter tido algum tipo de preparação sobre o estilo de prova nem sobre o formato dos trabalhos, que costumava variar de acordo com o professor, então o melhor a se fazer era enviar o trabalho com antecedência para os tutores da disciplina e esperar orientações deles. Apesar disso, tive a oportunidade de assistir a aulas de professores excelentes e de ter contato com conhecimentos extremamente interessantes de diversas áreas da saúde, o que me levou ao meu estágio.

O ano letivo no Canadá vai, basicamente, de Setembro a Abril; o período do verão, de Maio a Agosto, é considerado o período de férias. Grande parte dos alunos usam as férias de verão para visitar seus pais, adiantar alguma disciplina ou trabalhar para juntar dinheiro. No meu caso, por causa do meu programa de intercâmbio, eu precisava fazer um estágio durante esses 4 meses em uma área relacionada à minha graduação. Conversei com a professora Dra. Maria DeRosa, coordenadora dos estudos sobre aptâmeros em seu laboratório, e ela aceitou que eu ficasse com a equipe durante o verão. Neste estágio, tenho conhecido pessoas maravilhosas e aprendido muito sobre teoria e prática dentro do laboratório, já pensando na possibilidade de usar os conhecimentos para um possível mestrado depois da graduação.

Esses meses de intercâmbio tem sido incríveis e me mostrado da necessidade de confiar mais em mim. Superei desafios, cresci de diversas formas e conheci muito mais das coisas que o mundo tem a oferecer. É uma experiência única e, se eu pudesse escolher, todos passariam por ela. A vida é muito mais do que conhecemos! Devemos ser sempre abertos às novas experiências e sempre nos preocupar com o próximo. Em um país com tanta diversidade, devemos lembrar que é essencial respeitar os diferentes costumes, além de aproveitarmos como exemplo a simpatia e a vontade de ajudar dos moradores. Afinal, todos nós dependemos uns dos outros para evoluir.

Mirella Salgues de Carvalho é estudante de graduação em Biomedicina na UFRN e, atualmente, intercambista em Ottawa, no Canadá.



Mirella Salgues de Carvalho no *campus* da Carleton University

ÁSIA